

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018

O CÓDIGO LOCATELLI

ATHOS





EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Olivia Olmos

ARTE DA CAPA
Arte sacra de Aldo Locatelli na Catedral Metropolitana da Santa Maria

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R768c RONALDO, ATHOS. 19?? -
O CÓDIGO LOCATELLI / ATHOS RONALDO MIRALHA DA
CUNHA. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

160 P.: 21 CM.

ISBN 978-85-5833-332-0

1. Romance I. TÍTULO

CDD.: B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Capítulo I

A INSPIRAÇÃO é um Rottweiler no cangote. Para quem trabalha na redação de um jornal, a coluna tem que ser escrita porque o tempo não dá trégua. O compromisso com o artigo jornalístico é como um cachorro latindo na sua nuca e o texto sai, as mãos deslizam nas teclas e passeiam nas frases. Mas, naquela tarde, as ideias eram escassas e Joanylson Severo estava, displicentemente, diante do computador, buscando estímulo para escrever sua crônica. Tamborilava sobre o teclado, porém não conseguia digitar a primeira frase. O intenso calor e um precário ventilador não ajudavam nesta rotineira tarefa. O incandescente abril, às vésperas da abertura da Feira do Livro, em uma Santa Maria mormacenta, não é o melhor incentivo para escrever. Mas, como jornalista, tinha que produzir seus artigos. E sonhar que um dia publicaria um Best-Seller que o tiraria da eterna penúria. Colocou a mão no queixo e ficou pensativo olhando para uma janela entreaberta que dava para uma imensa parede de um edifício próximo. Muito concreto em sua

volta e nada de concreto vinha em sua mente para iniciar o texto. Levantou-se para buscar um cafezinho na copa, entretanto, foi interrompido por uma colega de redação lhe alcançando o telefone.

— Joanylson, ligação para ti...

O jornalista estranhou a pessoa do outro lado da linha. Tinha uma voz pausada, rouca e queria marcar um encontro, pois precisava falar pessoalmente. Assuntos confidenciais e urgentes.

— Se for uma informação relevante o senhor me diga que eu vou atrás. É o meu serviço. Correr ao encontro da notícia.

— A informação que eu tenho é de muita relevância. Mas tem que ser pessoalmente. Olho no olho. Veja bem, eu fui designado para fazer contato e preciso que seja num encontro tête-à-tête. Compreende?

— O senhor poderia, ao menos, dizer qual o assunto?

— Claro... — pigarreou ao telefone, tossiu, mas falou. — Não comente nada com ninguém, é uma informação ultras-secreta e o senhor foi escolhido para seguir adiante... Bom, o que eu posso antecipar é que existe um valiosíssimo tesouro enterrado na praça Saldanha Marinho aqui em Santa Maria.

Por alguns momentos, Joanylson ficou em silêncio. Pensou em mais um trote de algum engraçadinho. Afinal, existe maluco para tudo neste mundo. Contudo, diante da insistência de seu interlocutor, aceitou o convite. O encontro ficou marcado para o dia seguinte, às 16 horas, na confeitaria Copacabana, localizada no centro da cidade.

— Não vá faltar, hein jornalista Joanylson!

Diante da falta de inspiração, digitou a esmo uma frase: “tesouro enterrado na praça”, e pensou: “Estou formado há mais de uma década e continuo patinando nas teclas”.

— E eu sou um dos que acreditou que a esperança havia vencido o medo e que minha vida iria melhorar. Santa ingenuidade! — complementou em voz alta e continuou sua divagação. Agora um maluco, que se identificou como Dornelles, aparece dizendo que tem um tesouro enterrado na praça.

— Ué, falando sozinho J. Severo, tá doido ou caduco? – comentou outro colega de redação, um estagiário que estava no último semestre do curso de comunicação da universidade.

Algumas vezes pensou em se mudar para Porto Alegre, afinal, muitos colegas de faculdade foram para a capital e estavam com uma vida corrida, mas financeiramente tranquila. Lá poderia acalentar o sonho, desde os tempos de estudante universitário, de uma carreira literária. Estaria próximo de outros escritores e editoras. Ou, quem sabe, encarar o Centro-Oeste do Brasil em busca de melhores salários. Tales, amigo e contemporâneo de faculdade, o convidou várias vezes, mas Joanylson decidiu permanecer na Boca do Monte e a cada dia estava mais indignado com a remuneração que recebia como repórter.

Compenetrou-se e terminou a reportagem sobre a Feira do Livro. Não esquecendo de citar as enormes seringueiras da praça. “Sabe lá se embaixo de uma delas não existe um baú abarrotado com moedas de ouro!” – pensou.

— Bom, o fato é que amanhã eu tenho um encontro com um homem chamado Dornelles para falar sobre um tesouro – desligou seu computador e saiu da redação, caminhou até a praça Saldanha Marinho.

Capítulo II

A PRAÇA Saldanha Marinho fervilhava naquele final de tarde. Os livreiros finalizavam as instalações das bancas da Feira do Livro. José Bicca Larré, o patrono, também estava presente naquelas horas que antecedia a abertura conferindo os detalhes da organização. O gerente ainda estava nervoso por conta da falta de verbas e andava de um lado para outro inspecionado os mínimos detalhes. Joanylson sentou-se em um banco e ficou contemplando o vaivém dos transeuntes. Seria um tremendo furo de reportagem, quem sabe o reconhecimento público de um trabalho jornalístico dessa envergadura não lhe proporcionasse melhores salários. Uma ascensão funcional na própria empresa. Mas isso eram divagações de uma mente criativa e sonhadora. Observou alguns lugares da praça e ficou imaginando onde enterraria um tesouro. Embaixo da estátua de Felipe D'Oliveira... do Marianinho... do Coreto. Mas o fato é que o tesouro foi enterrado antes de tudo que estava ali.

Joanylson se surpreendeu acreditando em uma história sem graça contada por um estranho sujeito ao telefone. Aliás, ainda nem foi contada. Um tesouro na praça seria uma notícia que abalaria os santa-marienses. Colocaria a cidade em polvorosa. Haveria uma verdadeira caça ao tesouro.

Precisava de dinheiro, vivia com poucos recursos e almejava melhores condições salariais, mas não entraria nessa neurose de tesouro. Joanylson era uma pessoa irrequieta, inconformada com as injustiças e com a miséria que campeia mundo afora. Como todo universitário, queria um país melhor. Hoje era um desiludido com os rumos da política, não sobrava mais tempo para a utopia. A necessidade de trabalhar, com o intuito de aumentar sua renda, era a lógica dos tempos atuais. Necessitava de dinheiro, mas iria ao encontro de Dornelles com o espírito jornalístico para ouvir e relatar. Mentalmente, fez algumas contas e concluiu que vivia com poucos recursos com sua companheira. Uma vida quase franciscana. Na momentânea divagação, percebeu que uma montanha de ouro tiraria qualquer um da miséria.

— Uma miséria! Esse é o resumo do salário que ganho! – soltou sem querer para espanto de alguns que passavam por perto.

Mas era com esse emprego de carteira assinada que pagava a conta de luz e o condomínio de seu modesto, e precariamente mobiliado, apartamento. Joanylson vivia com poucos recursos e muitos afazeres. Em uma reportagem na Quarta Colônia ele fora o motorista, fotógrafo e jornalista da matéria.

Sua companheira, Janete, trabalhava como auxiliar de enfermagem e fazia plantões noturnos para obter um rendimento extra. A renda familiar do casal JJ – como afirmavam os amigos – dava, apenas, para cobrir as necessidades básicas. No máximo, um cineminha no final de semana ou um cachorro quente no Lucão da praça Saldanha Marinho.

— Eu merecia uma melhor condição de vida! Afinal, para que eu estudei que nem um burro de carga na faculdade? Para ser mais um miserável vendedor de frases mal-remuneradas? – desabafou para ninguém.

Janete estava atrasada, pois haviam combinado de tomar um café na Casa de Cultura antes de ir para seu plantão no Hospital de Caridade. O casal gostava desses pequenos prazeres da vida e um cafezinho num lugar aconchegante fazia muito bem para enfrentar mais uma jornada. Joanylson ainda divagava com as possibilidades de onde estaria enterrado o tal tesouro.

— Oi amor, desculpe o atraso, perdi o ônibus das 18 horas!

— Vamos ao cafezinho, aliás, vou tomar um cappuccino com canela e chantili! Onde você enterraria um tesouro aqui na praça? – perguntou de chofre.

— Sei lá, por que a pergunta?

— Vamos, responde... onde enterraria um tesouro aqui no centro de Santa Maria, aqui na praça Saldanha Marinho? Um baú abarrotado com moedas de ouro, castiçais e um monte de badulaque... tudo de ouro.



www.editorapenalux.com.br



miralha.cunha@gmail.com



[/athos.miralhadacunha](https://www.facebook.com/athos.miralhadacunha)